

SOBRE O GOVERNO DO *REAL*: A VIDA NOS DOMÍNIOS DO CAPITALISMO INFORMACIONAL

Vinícius Nicastro Honesko¹

RESUMO: A partir da apresentação da noção de crise no âmbito das humanidades, o presente ensaio pretende tecer algumas análises sobre os modos de gestão e governo dessa crise. Para tanto, investiga o deslocamento de problemas epistêmicos nas ciências (físicas e sociais) para o campo do governo no âmbito do controle das populações. Apresenta como os modos de leitura das probabilidades nas ciências acaba, no domínio do social, funcionando como uma maneira de gerir o *real*. Mostra como essa problemática se desenvolve e ganha em efetividade a partir das noções de cibernética. Por fim, aponta como o mecanismo do governo toma uma dimensão de *totalidade* no contemporâneo e, diante disso, aponta para modos de resistência a partir na noção de *ingovernável*.

Palavras-chave: Crise. Governos. *Real*. Cibernética. *Ingovernável*.

ON THE GOVERNMENT OF THE *REAL*: LIFE IN THE DOMAINS OF INFORMATIONAL CAPITALISM

ABSTRACT: From the presentation of the notion of crisis within the humanities, the present essay intends to weave some analysis of the manners of management and government of this crisis. Therefore, it investigates the displacement of the epistemic problems on sciences (both physical and social) to the government field within the control of populations. It presents how the readings of probabilities in sciences work as a manner of manage the *real* on the social domain. It shows the development of this problem and exhibits how it grows on effectivity after the expansion of the cybernetics. It indicates how the mechanism of government takes a dimension of *totality* in the contemporaneous. Lastly, after these analysis, it aims to the manners of resistance based on the concept of *ungovernable*.

Key words: Crisis. Government. *Real*. Cybernetics. *Ungovernable*.

¹Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina. Especialização em Direito do Estado pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Literatura (Teoria Literária) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal do Paraná, Paraná. Brasil. E-mail: viniciushonesko@gmail.com

“*Somos Utopistas Invertidos*”: O dilema básico de nossa era é que “Somos menores do que nós mesmos”, incapazes de realizar mentalmente as realidades que nós mesmos produzimos. Portanto, podemos chamar a nós mesmos de “Utopistas invertidos”: enquanto os Utopistas comuns são incapazes de produzir de fato o que são capazes de imaginar, nós somos incapazes de imaginar o que estamos de fato produzindo.

Günther Anders – *Nona tese para a era atômica*

Em setembro de 1967, o poeta mineiro Murilo Mendes, durante o Encontro internacional de poesia (no âmbito da EXPO), em Montreal, faz uma intervenção sobre os modos como os poetas contemporâneos podem, de alguma maneira, intervir no mundo. Durante a fala, Murilo vê como a figura do poeta é, então, carregada de uma impotência diante da guerra que assola o mundo. Não uma guerra no sudeste asiático (diz ele referindo-se ao Vietnã), mas uma guerra que assombra a todos. E fecha sua conferência com as seguintes palavras:

Falei da impotência do poeta de hoje pensando, sobretudo, na guerra que assombra a todos. A guerra não está mais ou menos longe. Ela não está no sudeste asiático. Ela está em nós, no nosso quarto e ela nos dá má consciência. Os chefes das grandes religiões, os poetas, os jovens protestantes e eu mesmo a fizemos e continuaremos a fazê-la. Mas o que há de terrível é que nosso esforço seja quase vão. Vemos cada dia mais os exércitos aumentar suas potências e com isso ficarem orgulhosos. E acho que isso é aterrorizante, desencorajador. Assim, para terminar estas palavras improvisadas, quero expressar um desejo talvez utópico mas essencial: que o mundo possa ver um dia a destruição de todas as tiranias, sejam de esquerda ou de direita, e a instauração da paz e da fraternidade universais.²

O desejo expressado por Murilo, que poderia parecer não só utópico mas ingênuo para um homem do século XXI, surge apenas após algumas análises em que o poeta, apesar de perceber a impotência de seus congêneres, ainda assim pensa uma espécie de força da *experiência da linguagem poética* – uma potência organizadora do sagrado, diz ele, em um mundo onde tudo “está aí para ser reconstruído”. O desejo do poeta apresenta-se sobretudo após indicar uma espécie de fim do humanismo. E é falando sobre este último fim que Murilo abre sua conferência no Canadá:

² MENDES, Murilo. **Papiers**. In.: MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Org. Luciana Stegano Picchio. p. 1593-1594. Há uma tradução publicada em Sopro n. 54, Julho/2011. <http://culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/montreal.html>

Depois de se ter anunciado a morte de Deus, eis agora que se nos anuncia a morte do homem. Basta folhear o recente (e notável) livro de Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, para dar-se conta de que por trás da morte do homem, que se nos profetiza, há, no fundo, a morte do Sistema. Pessoalmente jamais lutei pela sobrevivência de um sistema no qual tantas coisas desagradam a mim e - disso estou certo - também a todos vocês. Digo isso para sugerir que o poeta, ou melhor, a poesia atual está profundamente engajada numa luta terrível: “o combate espiritual é tão brutal quanto a batalha dos homens”, disse Rimbaud. Ora, a batalha do poeta passa-se sempre no nível da linguagem. O drama atual consiste exatamente em ser a linguagem poética, o Verbo que criou o mundo, ameaçada de destruição. O homem, que deve repetir a operação grandiosa, a operação inicial que consiste em separar a luz das sombras, está, talvez, condenado a ver perecer essa própria luz.³

No exemplar de *Les mots et les choses* (da primeira edição, de 1966) que pertencera a Murilo Mendes podemos verificar as marcas de leitura feitas pelo poeta, provavelmente no mesmo ano da conferência, em que ele sondava essa dinâmica da morte de um sistema que, naquela ocasião, anunciava a seus pares em Montreal. Nas páginas finais do livro de Foucault, lemos – com as marcas à lápis de Murilo – o seguinte:

Em nossos dias, e ainda aí Nietzsche indica de longe o ponto de inflexão, não é tanto a ausência ou a morte de Deus que é afirmada, mas sim o fim do homem (esse tênue e imperceptível desnível e esse recuo na forma de identidade que fazem com que a finitude do homem tenha se tornado seu fim); descobre-se então que a morte de Deus e o último homem estão ligados: não é o último homem que anuncia ter matado Deus, colocando assim sua linguagem, seu pensamento, seu riso, no espaço do Deus já morto, mas também se apresentando como aquele que matou Deus e cuja existência envolve a liberdade e a decisão desse assassinato? Assim, o último homem é mais velho e mais jovem do que a morte de Deus; uma vez que matou Deus, é ele mesmo que deve responder por sua própria finitude; mas uma vez que é na morte de Deus que ele fala, que ele pensa e existe, seu próprio assassinato está condenado a morrer; deuses novos, os mesmos, já avolumam o Oceano futuro; o homem vai desaparecer⁴

³*Idem.*

⁴FOUCAULT, Michel. **Les Mots et les Choses**. Paris: Gallimard, 1966. pp. 396-397.

Essa morte anunciada do homem, além de seu aspecto efetivo que nos anos sessenta tinha o nome de *guerra nuclear* – e que o próprio Murilo poetizava em seus vários e vários poemas dedicados à bomba⁵ –, também era uma espécie de preconização do fim da própria possibilidade de se pensar o homem tal como fora outrora compreendido (e basta lermos as duas páginas seguintes – e finais do livro – de Foucault para nos darmos conta de que o que filósofo estava colocando em questão era a figura *do homem*, de criação recente no âmbito das ciências e que, não obstante, já via seu fim prefigurado).

Meio século se passou desde que essa *crise* do homem (ou do humanismo, ou mesmo, levando-se em conta a possibilidade de destruição atômica efetiva, civilizacional) constatada, dentre outros, por Foucault veio à luz e, no entanto, dela parece não vermos nenhuma saída e tampouco fim. De certa maneira, a crise se instalou como uma rede e, desde então, transmuta-se, ultrapassando as fronteiras disciplinares, numa espécie de condição normal da existência no planeta. Não se trata apenas – o que já era muito – de uma crise das condições epistemológicas do conhecimento humano, nem de uma crise dos valores humanistas, tampouco de uma crise dos modos de vida fundados sobre tais valores, mas de uma *crise por excelência*, algo que, a despeito dos sentidos etimológicos de crise, toca todos os âmbitos da existência (como lembra Giorgio Agamben, *crise* teria um sentido jurídico no ato de julgar, separar, decidir; outro médico, no momento decisivo da intervenção na evolução de uma doença; e um teológico, na narrativa bíblica do *juízo final*;⁶ aliás, em relação a essa *crise global*, Jean-Luc Nancy nos diz que se trata de um fenômeno que está para além das simples noções de crise e que, assim, seria algo

⁵Os exemplos são vários e espaçados em toda a sua obra a partir do começo dos anos 60. Cf. MENDES, Murilo. **Murilo Mendes por Murilo Mendes**. In.: Poesia Completa e Prosa. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 45-46. “*Sinto-me compelido ao trabalho literário: [...] porque temo o dilúvio de excrementos, a bomba atômica, a desagregação das galáxias...*”. MENDES, Murilo. *Poliedro*. In.: Poesia Completa e Prosa... “*Fora o serrote. Ainda assim prefiro-o à bomba atômica.*”; *Idem*. **A Invenção do Finito**. In.: Poesia Completa e Prosa... p. 1344. “*Sempre detestei o vazio, il vuoto; mas prefiro o vazio à bomba. Prefiro o anti-mundo à bomba. Prefiro a morte do mundo (sem a bomba) à bomba. Prefiro o escárnio, a carne lacerada, o osso estalando, a perda do espaço interior, à bomba.*” *Idem*. **Conversa Portátil**. In.: Poesia Completa e Prosa [...] p. 1451-1452. “*...O aperitivo da bomba é guerra do Vietnã. [...] Sonho: bombeiros munidos de mangueiras, vestidos de macacões vermelhos, galgam escadas enormes para apagar uma bomba atômica que explode às gargalhadas, gritando-lhes: Idiotas! Não sabem que já morreram no dia em que eu nasci?*” Esses são alguns dos muitos outros trechos.

⁶AGAMBEN, Giorgio. **Pilatos e Jesus**. São Paulo: Boitempo; Florianópolis: EDUFSC, 2014. Trad.: Silvana de Gaspari, Patrícia Peterle. p. 33.

da ordem da mutação civilizacional⁷; e também poderíamos lembrar Pier Paolo Pasolini, que, ainda em 1975, fala de uma mutação antropológica⁸).

No entanto, talvez algo mais interessante do que insistir na denúncia da crise seja tentar pensá-la em seu mecanismo de funcionamento; ou, ainda, talvez seja importante analisar os modos de funcionamento do pensamento e das práticas que, pelo menos desde as grandes guerras do século passado, nos colocaram, e que não cessam de colocar, nessa espécie de espiral crítica.

Em um recente livro, *Che cos'è reale? La scomparsa de Majorana*, Giorgio Agamben trata de alavancar uma hipótese sobre o desaparecimento, em 25 de março de 1938, de Ettore Majorana, físico que em conjunto com Enrico Fermi, Edoardo Amaldi, Franco Rasetti, Emilio Segrè, Bruno Pontecorvo e Oscar D'Agostino fez parte do chamado grupo dos *Rapazes da rua Panisperna*, jovens cientistas – sobretudo físicos – italianos que entre 1929 e 1938 realizaram pesquisas fundamentais para o desenvolvimento da energia nuclear, sobremaneira a descoberta, em 1934, das propriedades dos *nêutrons térmicos* (a demonstração da maior capacidade de certos nêutrons de serem absorvidos por outros elementos). Sobre o desaparecimento do físico, em 1975, Leonardo Sciascia escreve um livro, que se torna um clássico na Itália, em que expunha, como tese central das razões do sumiço de Majorana, a ideia de que, por pressentir o uso nefasto que a física teria tido em poucos anos com as recentes descobertas, o físico teria optado por desaparecer. Agamben acolhe em partes as ideias de Sciascia, mas, cruzando essa aguda leitura com algumas outras – certas reflexões de Simone Weil sobre a física quântica e um artigo póstumo (de 1942) do próprio Majorana denominado *O valor das leis estatísticas na física e nas ciências sociais* –, trata de alavancar sua hipótese integrativa à ideia de Sciascia: Majorana teria desaparecido depois de ter visto as consequências da introdução das noções de *probabilidade* no âmbito e nos próprios modos de funcionamento da física. Em suma, ele optou por sumir depois de perceber que “uma vez que se assuma que o estado real de um sistema seja em si não conhecível, os modelos estatísticos se tornam essenciais e só podem substituir

⁷Cf. NANCY, Jean-Luc. **Génération, civilisations**. In: *Vacarme*. 47. Avril 2009. Disponível em: <<http://www.vacarme.org/article1761.html>> Acesso em: 03 mar. 2017.

⁸ Cf. PASOLINI, Pier Paolo. *Scritti Corsari*. Milano: Garzanti: 2008. p. 130-131.

a realidade”⁹. Nesse sentido, segundo Agamben, Majorana desaparece como modo de fazer de sua pessoa “a cifra exemplar do estatuto do real no universo probabilístico da física contemporânea” e, com isso, o físico teria produzido “um evento ao mesmo tempo absolutamente real e absolutamente improvável”¹⁰.

Para além da hipótese de Agamben sobre a figura de Majorana (talvez um tanto quanto forçosas), o interessante das análises do filósofo está nessa constatação do caráter essencial que os modelos estatísticos e probabilísticos assumem no âmbito da ciência do século XX. E assim o faz, dentre outras observações, a partir da parte final do artigo de Majorana sobre o *Valor das leis estatísticas na física e nas ciências sociais*. Assim o físico termina seu texto:

A desintegração de um átomo radioativo pode obrigar um contador automático a registrá-lo com efeito mecânico, tornado possível por amplificação adaptada. Bastam, portanto, artifícios comuns de laboratório para preparar uma cadeia complexa e vistosa de fenômenos que seja *comandada* pela desintegração acidental de um só átomo radioativo. Não há nada, do ponto de vista estritamente científico, que impeça de considerar como plausível que na origem de acontecimentos humanos possa se encontrar um fato vital igualmente simples, invisível e imprevisível. Se assim o é, como nós sustentamos, as leis estatísticas das ciências sociais veem crescer sua função, que não é apenas a de estabelecer empiricamente o resultado de um grande número de causas desconhecidas, mas, sobretudo, de dar um testemunho imediato e concreto da realidade, cuja interpretação requer uma arte especial, não menos importante, que serve de subsídio da arte de um governo.¹¹

A proposta de Majorana – que aponta para o fato de que a função das leis estatísticas das ciências sociais, função esta que daria as condições para um testemunho concreto da realidade, requeira uma arte especial que subsidia a arte de governar – possibilita a interpretação de Agamben, que, assim, pretende corrigir Sciascia:

Como as leis probabilísticas da mecânica quântica visam não a conhecer mas a ‘comandar’ o estado dos sistemas atômicos, assim as leis da estatística social visam não ao conhecimento, mas ao “governo” dos fenômenos sociais. [...] é possível, então, que a hipótese de Sciascia sobre as motivações que levaram Majorana a abandonar a física seja corrigida e integrada no sentido de que, se não é certo que Majorana tivesse

⁹ AGAMBEN, Giorgio **Che cos'è reale? La scomparsa di Majorana**. Vicenza: Neri Pozza, 2016. p. 52.

¹⁰ *Idem*. p. 53.

¹¹ MAJORANA, Ettore. **Il valore delle leggi statistiche nella Fisica e nelle Scienze sociali**. In.: AGAMBEN, Giorgio. *Op. cit.* p. 78.

vislumbrado as consequências da cisão do átomo, ao contrário, é seguro que ele tivesse visto com clareza as implicações de uma mecânica que renunciava a toda concepção não probabilística do real: a ciência não procurava mais conhecer a realidade, mas – como a estatística nas ciências sociais – apenas intervir nesta para governá-la.¹²

Nesse sentido, tanto as ciências físicas quanto as sociais pareciam apontar para um problema prático: o domínio das incertezas, ou a gestão, administração, governo do que escapa a uma determinação direta e precisa. De fato, o problema se desvia para uma espécie de transformação das questões de incerteza em questões de informação: é preciso contar com os dados colhidos e ter em vista os prováveis e, nesse mecanismo, transformar a relação entre sujeito e objeto de conhecimento em um *sistema* que deve ser controlado de modo a auferir certos resultados (e essa maneira de operar estaria, portanto, em todo âmbito científico probabilístico).

O que as ciências começam a moldar – ou ainda, começam a aprimorar – são modelos específicos de previsibilidade para gerenciar tais sistemas de informações. Ainda em 1948, o matemático Norbert Wiener, em um livro denominado *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*¹³ – que, de certo modo, decorre de um projeto de desenvolvimento de uma máquina de predição e controle de aviões inimigos durante a II Guerra –, propõe a ideia de um modelo de controle das incertezas com base numa proposta de sistematização informacional que passou a ser conhecida como *feedback* (ou retroação). Era o nascimento da noção contemporânea de cibernética: um novo modo de intervenção no *real* por meio do controle e gestão das possibilidades, probabilidades, estatísticas.

Num âmbito mais amplo, essa noção carrega uma história absolutamente não descartável para o que estava surgindo. Etimologicamente, *cibernética* advém de *Kybernétes*, que, em grego, era o encarregado de pilotar uma embarcação, o responsável por governar os rumos do barco. Esse dado não escapa a Michel Foucault que, na aula de 17 de fevereiro de 1982, ressalta que essa ideia de *kybernétes* – cuja tradução ao latim seria *gubernator* – estaria relacionada justamente a uma prática de governo, numa metáfora que atravessaria os séculos sempre ligada à dimensão das práticas médicas, do governo de si e do governo

¹² AGAMBEN, Giorgio. *Op. cit.* p. 19.

¹³ WIENER, Norbert. **Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine.** Cambridge: MIT Press, 1948.

político.¹⁴ O que, entretanto, se dá nas novas formatações da *cibernética* é que ela se estende, e uma expansão que se intensifica nos últimos 20 anos de maneira jamais vista com a aceleração dos processos e protocolos de informação, para todas as práticas humanas.

Uma tentativa recente de análise dessas noções de *cibernética* está em um dos números da revista *Tiqqun* – uma espécie de coletivo anônimo ativo no início do século XXI –, mais especificamente, no texto *A hipótese cibernetica*. Depois traçar algumas noções a respeito do termo *cibernética* (passando por Foucault, Wiener, dentre outros), o autor (ou os autores – os textos sempre têm um tom impessoal através do *ON*) traça, ao final da parte introdutória do texto, uma prévia síntese do novo modelo de pensamento *cibernetico*, que entra em cena nas práticas político-governamentais da segunda metade do século XX:

A *cibernética* é o pensamento policial do Império de todo animada, histórica e metafisicamente, por uma *concepção ofensiva da política*. Na atualidade acaba por integrar as técnicas de individuação – ou de separação – e de totalização que haviam sido desenvolvidas de modo separado: de normalização, ‘a anátomo-política’, e de regulação ‘bio-política’, para dizer como Foucault. Chamo *polícia das qualidades* suas técnicas de separação. E, seguindo Lukács, *chamo produção social de sociedade* suas técnicas de totalização. Com a *cibernética*, produção de subjetividades singulares e produção de totalidades coletivas se engrenam para replicar a História sob a forma de um *falso movimento* de evolução. [...] Nesse sentido, sem dúvidas, ninguém melhor do que o “autômato” Abraham Moles, seu ideólogo francês mais zeloso, soube expressar essa pulsão de morte sem divisão que anima a *cibernética*: ‘Concebemos que uma sociedade global, um Estado, podem se encontrar regulados de tal modo que estejam protegidos contra todos os acidentes do devir: tal como em si mesmos a eternidade os muda. *É o ideal de uma sociedade estável traduzido por meio de mecanismos sociais obviamente controláveis*’. A *cibernética* é a guerra levada a tudo o que vive e a tudo o que dura.¹⁵

A *cibernética* como guerra, portanto, assume um posto completamente central na chamada governança global: não apenas uma teoria, mas também uma tecnologia de intervenção direta e de governo da vida. Assim, ao cruzarmos essa leitura com as hipóteses a respeito do papel das ciências – físicas e sociais – lembrados por Majorana e desenvolvidos por Agamben, parece mais claro que o desenvolvimento das práticas políticas e de governo tomaram rumos que excedem

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Trad.: Márcio Fonseca, Salma Muchail. p. 303

¹⁵ TIQQUN. **L’hypothèse cybérnetique**. TIQQUN. In.: *Tout a faille, vive le communisme!* Paris: La Fabrique, 2009. pp. 235-236.

em grande medida as sistemáticas de gestão baseadas apenas em modelos representativos de amplo espectro (populações, demografias, localizações, determinações espaciais etc.; um nível *macropolítico*, por assim dizer). Isto é, com os avanços das tecnologias de informação no século XX (e sua ainda mais radical aceleração no século XXI), o que quer que ocupe a posição de um *kybernétes* passa a contar com a possibilidade dos *feedbacks*, de uma ingerência direta por meio da construção de uma *rede* em que todos os traços dos indivíduos são por esses mesmos indivíduos informados (direta ou indiretamente; aqui, um nível *micropolítico*), salvos, mapeados e utilizados como pontos para um domínio absoluto da vida. Nos termos do Tiqqun:

A cibernética emerge, portanto, sob a forma inofensiva de uma simples teoria da informação, uma informação sem origem precisa, sempre já aí em potência no âmbito de toda situação. Ela pretende que *o controle de um sistema se obtenha por um grau ótimo de comunicação entre as partes*. Esse objetivo reclama, em primeiro lugar, a extorsão contínua de informações, processos de *separação* dos entes de suas qualidades, e produção de diferenças. Dito de outro modo, o domínio da incerteza passa pela *representação e memorização* do passado. De um lado, a imagem espetacular, a codificação matemática binária [...], a invenção de máquinas de memória que não alterem a informação e, de outro, o incrível esforço por sua miniaturização [...], conspiram para criar tais condições em nível coletivo. Assim conformada, a informação deve na sequência retornar ao mundo dos seres, religando-os uns aos outros, do mesmo modo que a circulação mercantil garanta seu colocar em equivalência. A retroação, chave da regulação do sistema, reclama agora uma *comunicação* no sentido estrito. A cibernética é o projeto de uma recriação do mundo por meio de laços infinitos desses dois momentos: a representação que separa, a comunicação que religa, a primeira doadora de morte, a segunda mimetiza a vida¹⁶.

É com base nesse horizonte que termos como *sistemas interdependentes* ganham realidade para além do sentido meramente informacional (e, aqui, por meramente informacional entende-se: como se a informação e os processos informativos – as tecnologias de informação – fossem sempre algo liso, neutro, transparente, apenas um *canal* de transmissão, um *meio* sem interferências). Isto é, a informação, desdobrada na representação (informa-se sobre algo) e na comunicação (o algo informado é transmitido como um dado linguístico), funciona como uma espécie de reprodução mimética da vida com o intuito de, em seguida, retornar à vida que não fora mimetizada enquanto informação (digamos, à *vida que*

¹⁶ *Idem.* p. 241-242.

*estamos vivendo*¹⁷). Desse modo, com o retorno da informação ao *real*, percebemos que as conexões entre técnicas, culturas, ideais, modos de vida não estão desvinculadas das cadeias de *coisas reais* que as formam: petróleo, eletricidade, produtos agrícolas, aliás, todas as esferas de existência dos viventes, entram no registro informacional das equivalências. (E, no âmbito do século XX, mesmo o dinheiro, que funciona como princípio chave da equivalência geral, ingressa também no âmbito do registro informacional.¹⁸)

Por outro lado, a cibernética, em seu projeto de recriação, em seu inserir-se capilarmente no *real*, em sua tentativa de *controlar* absolutamente o *real* por meio do manejo das probabilidades, acaba por gerar uma esfera de projeção de possibilidades. Nessa armação de controle, muitas vezes essas possibilidades, úteis à manutenção do sistema, no entanto, são “ao mesmo tempo fantasmáticas e técnicas e têm suas próprias finalidades ou, de modo mais exato, cujas finalidades estão abertamente em sua própria proliferação, no crescimento exponencial de figuras e potências que valem por e para si mesmas, indiferentes à existência do

¹⁷Lembremos das análises críticas de Agamben a respeito da separação operada na própria vida – uma vida separada de sua forma, ele diz em vários textos – que nos colocaria como espectadores impotentes da vida que passa: a ideia de uma *vida que vivemos* (*vita quam vivimus*, o que define uma biografia) e de uma *vida pela qual e na qual vivemos* (*vita qua vivimus*, o que torna a vida vivível e lhe dá sentido e forma). Nesse sentido, a operação cibernética é uma constante separação de uma vida definível em biografia, as *informações representadas* da vida no âmbito do sistema-rede, e o retorno dessa *representação da vida* ao vivente como modo de constituição de sua própria subjetividade. Ou seja, a *vida pela qual e na qual vivemos* apaga-se em prol das sobredeterminações das informações sobre a vida. Cumpre-se, com isso, uma perfeita separação no seio dos viventes que, nesse sentido, passam a *ser* o que e como ele se informa sobre si. Se os dispositivos são parte do processo de subjetivação, na atual fase do capitalismo informacional eles são refinados e, com aparência libertária, são os modos mais sutis e ao mesmo tempo efetivos de domínio e de instauração de uma servidão voluntária. Cf. AGAMBEN, Giorgio. **II Regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo**. Vicenza: Neri Pozza, 2007. pp. 271-272.; AGAMBEN, Giorgio. **II tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani**. Torino: Bollati Boringhieri, 2000. pp. 67-68.

¹⁸Cf. NANCY, Jean-Luc. **Vérité de la démocratie**. Paris: Galilée, 2008. p. 44. “O mundo democrático se desenvolveu no contexto – ao qual, na origem, está ligado – da equivalência geral. Tal expressão – mais uma vez, de Marx – não designa apenas o nivelamento geral das distinções e a redução das excelências na mediocrização [*médiocrisation*] [...]. Ela designa primeiramente a moeda e a forma mercantil, isto é, o coração do capitalismo. É preciso retirar daí uma lição muito simples: o capitalismo, no qual ou com o qual, ou ainda *como* o qual a democracia se engendrou, é, antes de mais nada, no seu princípio, a escolha de um modo de valorização: pela equivalência. O capitalismo revela uma decisão de civilização: o valor *está* na equivalência. A técnica, também ela desenvolvida no e por efeito dessa decisão – do mesmo modo que a relação técnica com o mundo é de modo próprio e na origem aquela do homem –, é uma técnica submetida à equivalência: a de todos seus fins possíveis e, também, de maneira ao menos tão flagrante quanto no registro do dinheiro, a dos fins e dos meios.”

mundo e de todos que nele existem.”¹⁹ O mundo por controlar é igual mas, de modo paradoxal, também de todo diferente ao projetado: a vida, o *real*, não se consubstancia num *traço* informacional (a representação da vida), mas, ao mesmo tempo, não deixa de ter sua duplicidade no chamado espaço cibernético. De modo reverso à hipótese Majorana (um evento absolutamente real mas absolutamente improvável), a identificação entre ambos (*real e representação informacional*) é *irreal*, mas não por isso improvável. Eis a sagacidade e, ao mesmo tempo, o limite da hipótese cibernética e dos modos de gerir a vida ao menos desde a explosão da bomba em Hiroshima.

O alargamento das estruturas de *controle* – ou, se quisermos, *governo* – do mundo e da vida depende cada vez mais de *dispositivos* – e uso o termo aqui em sentido agambeniano, isto é, algo que faz parte do processo de subjetivação – de representação e memorização do passado, mas de um passado que, agora, tornou-se um *dado*, um traço, informacional gravado nesses mesmos dispositivos: desde nossos cartões de créditos, passando por nossos registros biométricos (cada vez mais utilizados pelos governos), por nossos registros digitais, em suma, a capilarização do controle se dá com a proliferação de um ambiente em rede – e a internet é o modelo por excelência dessa nova dimensão informacional da vida.²⁰

Lembremos, de passagem, uma interessante análise de Jonnathan Crary sobre o que ele chama de “mitos da natureza igualitária e capacitadora da tecnologia” e de como essa espécie de universalização da informação traveste certa dimensão da dominação contemporânea:

Agências de polícia da ordem global só podem agradecer a preferência dos ativistas pela concentração de sua organização em torno de estratégias ligadas à internet, por meio das quais voluntariamente se arrebanham no ciberespaço, onde vigilância estatal, sabotagem e manipulação são muito mais fáceis do que nas comunidades locais reais onde encontros reais ocorrem. Se o objetivo é a transformação social radical, as mídias eletrônicas em sua forma atual, amplamente disponíveis, não são inúteis –

¹⁹NANCY, Jean-Luc. **L'équivalence des catastrophes (après Fukushima)**. Paris: Galilée, 2012. p. 28.

²⁰É importante lembrar que o avanço desse tipo de hiperconectividade está chegando a práticas de incisão de chips em funcionários – como no caso da empresa belga *Newfusion*, que, segundo o seu Diretor, fez o implante a pedido dos funcionários. E, ainda segundo o empresário, há outras aplicações de tais chips, “como substituir os passaportes, os cartões de banco e cartões de transporte ou incluir informações médicas para saber o tipo sanguíneo de um ferido que ficou inconsciente e que deve ser atendido urgentemente, ou se é alérgico a algum medicamento”. Cf.: <http://www.ihu.unisinos.br/565069-empresa-belga-implanta-chips-em-seus-trabalhadores>

mas apenas quando são subordinadas a lutas e encontros que ocorrem em outro lugar.²¹

Sem ingressar no mérito do diagnóstico de Crary – com o qual digo apenas que concordo –, é em torno da não inutilidade do mecanismo que gostaria de pensar (e poderia ainda frisar que a dimensão de coisas *reais* à qual ele se refere é também um ponto interessante). Há pouco disse que o limite da hipótese cibernética estaria em seu próprio mecanismo: as analogias que faz entre o funcionamento dos organismos vivos e das máquinas, acaba por levar a uma *mecânica dos vivos*, com vistas a programação e dominação, num controle do devir social que guiaria a um suposto fim da História, e a uma *vitalização das máquinas*, que no terreno da comunicação gera justamente a noção de rede (basta lembrar dos *smartphones*). Ainda que essas duas facetas sejam efetivas, elas contam, em seu movimento biunívoco, no fundo, com uma ambição universalizadora do princípio de equivalência geral, este que funcionaria por si só, como uma espécie de *nova providência* (ainda mais além da, como analisa Agamben, já secularizada *mão invisível* de Adam Smith). No fundo, o verdadeiro piloto, o *kibernétes*, da embarcação em que estamos seria o fantasmático *Mercado*.

Entretanto, o ser fantasmático que pilota o sistema criado para alimentá-lo, sistema este que é, ao mesmo tempo, também um dos responsáveis por criar o fantasma que o guia, talvez seja o preconizador mais pungente daquela morte do homem sobre a qual falava Foucault e sobre a qual meditava, sabendo de seu “esforço quase vão”, Murilo Mendes: a morte não só num nível epistemológico, mas efetivo. Diante da *irrealidade* (lembremos da hipótese de Majorana) desse governo (e nossos ataques contra ele parecem movimentos de um Quixote diante dos moinhos de vento) que, no entanto, tem uma *efetividade* desmedida (somos atravessados cada vez mais pelos processos de criação desse governo), parece que estamos presos nesse barco cujo *kibernétes* – um novo deus que nos guia ao Oceano futuro, para lembrarmos Foucault – só conhece um destino: a catástrofe.

E, nesses termos, lembro do prognóstico para esta metade final da segunda década do século XXI que recentemente Achille Mbembe apresentou sob o título *The age of the humanism is ending*:

²¹ CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Trad.: Joaquim Toledo Jr. p. 130.

Nesta nova paisagem, o conhecimento será definido como conhecimento para o mercado. O próprio mercado será re-imaginado como o mecanismo principal para a validação da verdade. Como os mercados estão se transformando cada vez mais em estruturas e tecnologias algorítmicas, o único conhecimento útil será algorítmico. Em vez de pessoas com corpo, história e carne, inferências estatísticas serão tudo o que conta. As estatísticas e outros dados importantes serão derivados principalmente da computação. Como resultado da confusão de conhecimento, tecnologia e mercados, o desprezo se estenderá a qualquer pessoa que não tiver nada para vender. [...] O novo ser humano será constituído através e dentro das tecnologias digitais e dos meios computacionais.²²

Diante de perspectivas como estas, a impotência de fato parece ser a única sensação legítima. No entanto, nesse mesmo horizonte terrificante de uma *forja de real* pelo sistema, paradoxalmente, há uma espécie de *entropia* – num elemento que não se deixa apreender pela incessante captura da *rede* – que parece abrir uma brecha, uma linha de fuga, diríamos com Deleuze, na governança global baseada no princípio de equivalência geral. Tratam-se dos fatores que, por mais que a indeterminação do *real* seja o propulsor do modo operacional da gestão e controle da vida no planeta, escapam, como absolutamente reais e, ao mesmo tempo, absolutamente improváveis, à apreensão por tal sistema – naquilo que Agamben chama de *o ingovernável*.²³

Voltando às reflexões de Murilo Mendes ainda no pré-1968, percebemos que a impotência e desolação diante do que acontece no mundo é parte da própria constituição desse inapreensível que, nos termos do poeta, é a força da experiência da linguagem num mundo onde tudo está aí para ser reconstruído. Nessa nossa utopia invertida que é o presente, é preciso estarmos cientes da guerra em que estamos imersos e, ainda assim, resistir quando já não mais parece possível resistir,

²²MBEMBE, Achile. **The age of the humanism is ending**. Disponível em:

<<https://mg.co.za/article/2016-12-22-00-the-age-of-humanism-is-ending/>> Acesso em 01 mar. 2017.

²³ Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. Trad.: Vinícius N. Honesko. “Quanto mais os dispositivos se difundem e disseminam o seu poder em cada âmbito da vida, tanto mais o governo se encontra diante de um elemento inapreensível, que parece fugir de sua apreensão quanto mais docilmente a esta se submete. Isto não significa que ele representa em si mesmo um elemento revolucionário, nem que possa deter ou também somente ameaçar a máquina governamental. No lugar do anunciado fim da história, assiste-se, com efeito, ao incessante girar em vão da máquina, que, numa espécie de desmedida paródia da *oikonomia* teológica, assumiu sobre si a herança de um governo providencial do mundo que, ao invés de salvá-lo, o conduz – fiel, nisso, à originária vocação escatológica da providência – à catástrofe. O problema da profanação dos dispositivos – isto é, da restituição ao uso comum daquilo que foi capturado e separado nesses – é, por isso, tanto mais urgente. Ele não se deixará colocar corretamente se aqueles que dele se encarregam não estiverem em condições de intervir sobre os processos de subjetivação, assim como sobre os dispositivos, para levar à luz aquele Ingovernável, que é o início e, ao mesmo tempo, o ponto de fuga de toda política.”

e insistir em expressar-se quando já não mais nos parece possível nem mesmo falar.²⁴ Observando o horizonte de um mundo que imerge num caos, talvez seja urgente essa resistência apesar de tudo e, com isso, sem ilusões de crise, entender que, sim, estamos lançados numa guerra. Por fim, gostaria de lembrar de um pequeno manifesto contra a apatia a que somos levados nestes tempos sórdidos, *Aos nossos amigos*, de alguns remanescentes do *Tiqqun* que hoje, disseminados por vários cantos do mundo, intitulam-se Comitê Invisível:

A profusão quotidiana de informações, para uns alarmantes para outros apenas escandalosas, molda nossa compreensão de um mundo globalmente não inteligível. Seu aspecto caótico é a neblina de guerra por trás da qual ele se torna inatacável. É por meio de seu aspecto ingovernável que ele é 'realmente' governável. Aí está a malícia. Ao adotar a gestão de crise como técnica de governo, o capital não se limitou a substituir o culto do progresso pela chantagem da catástrofe, ele quis reservar para si a inteligência estratégica do presente, a visão de conjunto sobre as operações em curso. É isso que com ele é importante disputar. Trata-se, em matéria de estratégia, de voltarmos a estar dois passos adiantados em relação à governança global. Não há uma 'crise' da qual é preciso sair, há uma guerra que precisamos ganhar.²⁵

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio **Che cos'è reale? La scomparsa di Majorana**. Vicenza: Neri Pozza, 2016.

_____. **Il Regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo**. Vicenza: Neri Pozza, 2007.

_____. **Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani**. Torino: Bollati Boringhieri, 2000.

_____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. Trad.: Vinícius N. Honesko.

_____. **Pilatos e Jesus**. São Paulo: Boitempo; Florianópolis: EDUFSC, 2014. Trad.: Silvana de Gaspari, Patrícia Peterle.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**. São Paulo: N-1, 2016. Trad.: Ed. Antipáticas.

²⁴ Cf. AGAMBEN, Giorgio. **Do desastre nos salvará a vileza de Pulcinella**. Disponível em: <<http://flanagens.blogspot.com.br/2016/09/do-desastre-nos-salvara-vileza-de.html>>

²⁵COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**. São Paulo: N-1, 2016. Trad.: Ed. Antipáticas. p. 19.

CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad.: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad.: Márcio Fonseca, Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Les Mots et les Choses**. Paris: Gallimard, 1966.

MAJORANA, Ettore. **Il valore delle leggi statistiche nella Fisica e nelle Scienze sociali**. In.: AGAMBEN, Giorgio. *Che cos'è reale? La scomparsa di Majorana*. Vicenza: Neri Pozza, 2016.

MBEMBE, Achile. **The age of the humanism is ending**. Disponível em: <<https://mg.co.za/article/2016-12-22-00-the-age-of-humanism-is-ending/>>

MENDES, Murilo. **Conversa Portátil**. In.: MENDES, Murilo. Poesia Completa e Prosa. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 1451-1452.

_____. **Murilo Mendes por Murilo Mendes**. In.: MENDES, Murilo. Poesia Completa e Prosa. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. Papiers. In.: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Org. Luciana Stegagno Picchio. p. 1593-1594. Há uma tradução publicada em Sopro n. 54, jul. 2011. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/montreal.html>>

NANCY, Jean-Luc. Générations, civilisations. In.: **Vacarme**. 47. Avril 2009. Disponível em: <<http://www.vacarme.org/article1761.html>>

_____. **L'équivalence des catastrophes (après Fukushima)**. Paris: Galilée, 2012.

_____. **Vérité de la démocratie**. Paris: Galilée, 2008.

PASOLINI, Pier Paolo. **Scritti Corsari**. Milano: Garzanti, 2008.

TIQQUN. L'hypothèse cybernétique. In: TIQQUN. **Tout a faille, vive le communisme!** Paris: La Fabrique, 2009.

WIENER, Norbert. **Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine**. Cambridge: MIT Press, 1948.

Artigo recebido em: 11/05/2018

Artigo aprovado em: 25/06/2018

Artigo publicado em: 18/07/2018